MOTIVAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: um aspecto essencial para o ensino de línguas estrangeiras

MOTIVATION IN ADOLESCENCE: an essential aspect for foreign language teaching

Fernanda Scheeren¹

Marceli Fang²

RESUMO: A prática de iniciação à docência de língua alemã evocou questionamentos quanto à importância em compreender os processos de aquisição de língua estrangeira na adolescência, aliados ao fator motivacional. O presente artigo visa à reflexão acerca do resgate da motivação de adolescentes aprendizes de língua alemã. O fato que levou a busca por tal compreensão ocorreu através de dificuldades encontradas ante a uma turma de adolescentes que se mostravam desinteressados com a proposta apresentada. Para tanto, serão apresentados elementos que definem a adolescência e fatores que influenciam o aprendizado de línguas estrangeiras. A situação desencadeadora ocorreu junto à prática do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvida semanalmente em uma escola da rede municipal na cidade de Ivoti, RS. A reflexão teórica diante da problemática vivenciada reitera a necessidade de compreensão da adolescência como etapa importante no desenvolvimento humano. Além disso, tal experiência torna-se significativa na formação docente.

Palavras-chave: Adolescência. Motivação. Ensino de línguas estrangeiras. PIBID.

ABSTRACT: The practice of initiation in teaching the German language led to some questions on the importance of understanding the foreign language acquisition processes in adolescence in addition to the motivational factor. The present article aims to reflect upon bringing back the motivation of adolescents who learn the German language. This reflection was triggered by difficulties detected in a class of adolescents who were not interested in the teaching proposal presented to them. Hence, elements that define adolescence and factors that influence foreign language learning will be presented. The situation that led to this occurred in the practice of the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation (PIBID) developed weekly in a municipal school, in the town of Ivoti, in Rio Grande do Sul. The theoretical reflection regarding the problems experienced supports the need to understand adolescence as an important stage in human development. This experience is also meaningful in the formation of educators.

Keywords: Adolescence. Motivation. Foreign language teaching. PIBID.

1 INTRODUÇÃO

Através da vivência em sala de aula, proporcionada pela prática de iniciação à docência, a desmotivação de adolescentes aprendizes de língua alemã surge como uma problemática a ser analisada e compreendi-

da. O presente trabalho visa à reflexão acerca de aspectos inerentes à adolescência, bem como no que tange à aprendizagem de línguas estrangeiras nessa fase. Além disso, a compreensão sobre aspectos relativos à motivação de adolescentes no contexto escolar também se faz necessária.

¹ Graduanda em Letras – Português e Alemão pelo Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI; bolsista de iniciação à docência do PIBID – Alemão. E-mail: fernandascheeren@gmail.com.

² Graduanda em Letras – Português e Alemão pelo Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI; bolsista de iniciação à docência do PIBID – Alemão. E-mail: marcelifang@scholar.email.

Inicialmente, será resgatada uma conceituação sobre a adolescência, aliada à reflexão sobre aspectos que se referem à motivação em contextos escolares. Em seguida, busca-se compreender os diferentes fatores que exercem influência nos processos de aprendizagem de línguas estrangeiras. A situação que desencadeou tais reflexões será apresentada sob a forma de um breve relato de experiência, seguido de uma análise dos resultados obtidos após uma abordagem metodológica diferenciada.

2 ADOLESCÊNCIA E MOTIVAÇÃO

A fase transitória entre a infância e a vida adulta é, muitas vezes, caracterizada como um momento delicado e complicado, não apenas para o indivíduo, mas também para a sociedade à sua volta. Por muitos designada “aborrescência”, ela é comumente compreendida como uma fase de rebeldia, dúvidas, enfim, quando o indivíduo deixa de ser uma criança alegre e despreocupada e passa a ser alguém “chato”, confrontador e revoltado.

Frota (2007, p. 155) também fala desse assunto, afirmando:

Atualmente, fala-se da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta. Nessa perspectiva de ligação, a adolescência é compreendida como um período atravessado por crises, que encaminham o jovem na construção de sua subjetividade.

Há que se considerar também que essa transição ultrapassa a dimensão social, pois, em decorrência de uma série de transformações fisiológicas, que, por sua vez, ocorrem de forma relativamente rápida, o indivíduo precisa redescobrir-se. Ou seja, antes mesmo de reconhecer-se na sociedade em que está inserido, o jovem deve assimilar quem ou no que, afinal, se tornou. Muitos de nós, adultos, esquecemo-nos da fase (vivenciada por todos) em que o brincar, por exemplo, torna-se emblemático: tudo aquilo que mais proporcionava alegria já não é mais tão significativo. Não bastasse o dilema entre brincar ou não brincar mais – e, além disso, compreender por que não há mais a mesma vontade para vivenciar o que antes era o momento de maior satisfação –, o fator interpessoal exerce grande importância nessa fase. A maior vergonha é ser descoberto: “Ele/ela ainda brinca! Que coisa de criança!”.

Nesse aspecto surge outro ponto-chave, que é a necessidade de identificação e inserção em determinado grupo social. “[...] seja para lutar contra o tédio coti-

diano, seja para expressar um determinado ideário [...]” (COUTINHO, 2005, p. 21), o agrupamento como fator de autoafirmação é característica marcante da adolescência. Assim, o jovem passa a agir de forma muitas vezes incompatível com aquilo que lhe fora ensinado em casa, a fim de seguir (ou pertencer a) determinado grupo, sendo essa a maneira de (re)conhecer-se como indivíduo.

Esse contexto de grandes mudanças comumente causa conflitos entre jovens e família, bem como no contexto escolar. Muitas vezes, a culpa para tal acaba sendo atribuída à rebeldia, mas não podemos ignorar o fato de que em boa parte dos casos há uma quebra de expectativas da parte dos pais ou responsáveis. Barbosa (2006, p. 25) diz: “Em outras palavras, os problemas comportamentais que podem surgir ou ficar mais evidentes na adolescência devem ser analisados sob a perspectiva histórica do indivíduo e não simplesmente como uma característica desse período”.

Não somente à família, mas também aos professores cabe a tarefa de “domar” a convencionalizada rebeldia. Poucas vezes, porém, busca-se analisar o foco da problemática por outro viés. Para muitos adultos, é difícil admitir que eles mesmos passaram por semelhante processo e que o confronto direto, além de não resolver, acaba por agravar as incompatibilidades. Não convém, todavia, ignorar os acontecimentos e aceitar tal condição passivamente. Os jovens anseiam por compreensão, já que muitas vezes eles próprios não o conseguem em relação a si e à série de transformações que enfrentam.

Nessas condições, antes de refletirmos sobre o que motiva os adolescentes, é fundamental frisarmos a importância em compreender o complexo processo pelo qual o indivíduo está passando. Trata-se de uma fase não apenas importante, como necessária ao desenvolvimento humano. Ainda que seja um processo permeado por inconstâncias e transformações, a compreensão é o ponto de partida quando se trata da relação adultos x adolescentes.

Em contraponto à formação da identidade e à busca pelo autoconhecimento está a escola, cujo sistema é consideravelmente fixo, não sendo passível da “liberdade” de escolha buscada pelos jovens. O currículo é inalterável, e as tarefas e a frequência são deveres a serem cumpridos. Ou seja, a escola (ou alguns elementos dela) pode tornar-se enfadonha. Consequentemente, há a desmotivação dos jovens diante das atividades escolares. Cavenaghi e Bzuneck (2009, p. 1484) apontam que “[...] o envolvimento dos alunos nas atividades escolares ocorre mais para cumprir as exigências impos-

tas pela escola do que para usufruir das aprendizagens que ela pode proporcionar”.

Sabemos que a motivação é um complexo processo que, através de múltiplos fatores, leva o indivíduo a determinadas ações. Tais fatores variam de acordo com o contexto histórico e sociocultural em questão, da mesma forma que a motivação ocorrerá de diferentes maneiras e por diferentes razões em cada pessoa. Assim, a ausência ou o declínio da motivação também é uma variável multifatorial. Vale lembrar, também, que se trata de um processo intrapessoal: por mais que fatores externos exerçam influência sobre a motivação, ela só ocorrerá a partir de desejos, vontades ou mesmo consciência do indivíduo. Não podemos motivar o outro, mas apenas influenciar o ambiente para que ele próprio venha a se motivar.

De acordo com alguns autores, a desmotivação de adolescentes no contexto escolar origina-se a partir da crença de que apenas a inteligência, sem considerar o empenho e o esforço, levaria ao êxito escolar (BARBOSA, 2006). A autora também nos lembra que se observa um relacionamento um tanto impessoal, considerando-se que, nas séries finais do Ensino Fundamental, o adolescente se depara com diferentes professores, não sendo mais possível o estabelecimento de um vínculo mais estável com o docente – como ocorre nas séries iniciais.

O desafio dos professores é, dessa forma, manter ou mesmo resgatar a motivação dos alunos para aprender, mesmo que o tema abordado não seja prazeroso ou de sua preferência. Ou seja, ao tratar-se sobre motivação, não se almeja, necessariamente, que os alunos gostem do conteúdo, por exemplo. O objetivo é fazer com que as aulas e a escola como um todo não sejam enfadonhas; é mostrar aos adolescentes que a aprendizagem pode proporcionar experiências produtivas, ainda que se trate de um assunto complexo ou “chato”.

3 APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA ADOLESCÊNCIA

Inúmeras pesquisas sobre o aprendizado de língua estrangeira em diferentes idades foram feitas nas últimas décadas, as quais trazem aos profissionais da educação meios para encontrar alternativas para encarar as dificuldades encontradas em sala de aula. O cenário dessas pesquisas geralmente situava-se no segundo ciclo do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, pois nessas etapas da vida escolar as aulas de língua estrangeira eram destinadas aos alunos das escolas públicas

no Brasil. Mas a globalização e as constantes mudanças no mundo exigiram que as pessoas aprendessem uma língua estrangeira muito mais cedo, por isso a maioria das escolas passou a oferecer a língua estrangeira no primeiro ano do Ensino Fundamental. Isso desafia os professores, que até então recebiam a formação primordial para trabalhar com alunos entre 10 e 18 anos de idade.

Aprender uma língua estrangeira na adolescência significa ampliar a visão de mundo e tornar-se uma pessoa mais interativa. Para compreendermos alguns aspectos do processo de aquisição de uma língua estrangeira pelo pré-adolescente, é imprescindível refletirmos sobre questões psico e sociolinguísticas desse processo. A compreensão de mundo pelo adolescente reflete-se na maneira como esse indivíduo se posiciona perante a sociedade. Principalmente na pré-adolescência e na adolescência, os jovens aguçam a capacidade de percepção e aquisição de conhecimentos e valores. É nessa fase da vida que as pessoas começam a utilizar a linguagem a seu favor. Assim, usando um pensamento bem formulado, o adolescente pode argumentar sobre assuntos do seu meio e interagir atingindo o outro durante a comunicação.

A aprendizagem de uma língua estrangeira reativa os processos cerebrais que foram utilizados já na aquisição da primeira língua. O adolescente, em vista do ensino de uma nova língua, deve ser considerado um ser em desenvolvimento, que é capaz de utilizar, qualitativamente, os itens linguísticos apresentados nas aulas de língua estrangeira, como sons, palavras escritas e regras de uso já internalizadas.

Para que o aluno adolescente possa estruturar os conceitos da língua estrangeira, as atividades por ele realizadas devem envolver seu próprio contexto de vida. Ele associa imediatamente o seu conhecimento de linguagem com a utilização dela no mundo de suas relações interpessoais. O aluno adolescente deve ter a liberdade para experimentar e atuar sobre a língua estrangeira e, como usuário ativo da língua, poder sempre formular hipóteses para construir seu próprio sistema linguístico e usá-lo adequadamente. Aspectos importantes para a capacitação do aluno para aprender uma nova língua são as competências linguísticas na língua materna, ou seja, o aluno deve ter a capacidade de se comunicar com a primeira língua adquirida e também apresentar traços culturais e educacionais que façam com que ele se identifique com aquilo que está aprendendo.

O contato com outras pessoas é fundamental para o aprendizado, e o objetivo que se propõe nas aulas de língua estrangeira é justamente que o aluno interaja com

o outro, vivendo a língua em seu uso, de fato. Em todas as situações de comunicação, o aluno é desafiado a emitir mensagens claras que são geradas a partir de sua realidade, comunicada de forma diferente da habitual. Assim como em toda situação de comunicação, o aprendiz é levado a elaborar suas intenções de forma que o receptor da informação a entenda por completo. Por isso as aulas de língua estrangeira são exposições aos atos de fala, para que o aluno se expresse de maneira clara, utilizando a nova língua por ele adquirida ou em processo de aquisição.

É importante observar que, nas estratégias de interação, fatores internos e externos são desencadeadores da capacidade de descobrir, avaliar, processar e armazenar os enunciados da língua. Como o adolescente é um ser em desenvolvimento, essa capacidade de armazenamento pode variar de acordo com a identificação do tema da aula com a sua realidade ou interesse.

A metodologia utilizada nas aulas de língua estrangeira deve proporcionar ao aprendiz adolescente o desenvolvimento das habilidades linguísticas que o capacitem para exercer o seu papel de usuário seguro da língua estrangeira. Esse uso da língua deve ocorrer não apenas durante as situações interativas previstas em seu contexto escolar, mas também em situações desafiadoras que não podem ser previstas pelo falante.

Para o aluno adolescente, a proposta ideal deve prever a possibilidade de uso da língua estrangeira de modo contínuo. Isso deve suceder de forma comunicativa e coerente com o papel social que o aprendiz representa, de forma que o aluno se sinta um verdadeiro falante da língua estrangeira e que isso faça sentido em seu ambiente escolar e realidade de vida social.

Segundo Macowski (1993, p. 19), três fatores são considerados de extrema importância ao se pensar na aquisição de língua estrangeira na adolescência: o biológico, o cognitivo e o afetivo. O fator biológico é o fator questionável sobre a existência ou não de um período crítico para a aquisição de línguas, que seria nessa faixa etária, a adolescência. O que se supõe é que exista um tipo de plasticidade neurológica que permita que a criança aprenda uma língua estrangeira sem grandes dificuldades até a sua puberdade, período esse chamado de crítico justamente por limitar a plasticidade cerebral do aluno. É nesse período que o cérebro conclui a lateralização de funções específicas e, entre elas, está a linguagem; por isso a aquisição de uma nova língua torna-se mais difícil, porém não impossível.

Para Lent (2004 apud FERRARI, 2007, p. 39), os neurônios podem transformar-se, de modo perma-

nente ou pelo menos prolongado, também em sua função, em resposta à ação do ambiente externo. O autor propõe que a plasticidade neuronal é maior durante o desenvolvimento dos indivíduos e vai declinando de maneira gradativa, sem ser extinta, na vida adulta.

O fator cognitivo indica que a adolescência é vista como período crítico por conta das mudanças que ocorrem com os jovens nessa faixa etária, o que pode dificultar a aquisição de língua estrangeira. A cognição humana desenvolve-se até a adolescência, e isso ocorre de forma mais lenta depois de certa idade. Estudos de Piaget sobre o processo cognitivo classificam o desenvolvimento humano em quatro estágios específicos: sensorio-motor – de 0 a 2 anos; pré-operacional – de 2 a 7 anos; operacional concreto – de 7 a 12 anos; e operacional formal – de 12 a 16 anos. É nesse último que mudanças muito significativas acontecem; é quando o adolescente passa a ter ideias a partir de ideias e não apenas de coisas concretas. Por isso questiona-se se a puberdade não seria a fase em que o aluno consegue fazer a ligação entre a aquisição e a aprendizagem. Essa consciência pode facilitar a aprendizagem, pois o aluno adquire a língua de forma consciente e possui uma memória melhor que a dos adultos.

O fator afetivo é marcado por mudanças de pensamento nos adolescentes. O que faz com que a aprendizagem seja mais significativa são as questões motivacionais e atitudinais. Segundo Macowski (1993, p. 30), durante a adolescência, o aluno precisa superar problemas ligados aos traumas de lidar com as modificações físicas, cognitivas, emocionais e de busca por sua identidade, encontrando um ponto de equilíbrio. Durante a adolescência, o aprendiz alcança esse equilíbrio de modo que seu ego linguístico fique mais defensivo. Assim, o aluno prende-se à língua materna por medo de se expor ao ridículo, de cometer erros na língua estrangeira.

O grupo e a identificação do aluno com o professor também são de extrema importância durante essa fase. O adolescente que se identifica com a turma e se sente seguro com o professor, que domina bem a língua estrangeira, possui um aprendizado significativo.

4 INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: RELATO A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA

A experiência junto ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) iniciou-se em março de 2014 em uma escola pública da rede municipal do município de Ivoti, com turmas de sextos e sétimos anos. O projeto objetiva otimizar o ensino da lín-

gua alemã nas escolas públicas, e para isso uma organização teve de ser feita na escola em questão. As turmas em cujo currículo é oferecida a disciplina de língua alemã foram divididas em dois grupos: um deles permanece com a professora titular enquanto o outro grupo da turma participa do projeto com as professoras bolsistas. Atendemos, semanalmente, quatro grupos. Dentre eles há um que nos chamou notável atenção. Trata-se de um grupo de sétimo ano que demonstrava certa resistência nos momentos em que propúnhamos as atividades planejadas. Por ser nossa primeira experiência docente, não sabíamos ao certo como agir naquele momento e tínhamos consciência de que o projeto era novo e que estávamos em fase de adaptação. Mas aquele grupo em especial despertava-nos certa preocupação e, ao mesmo tempo, frustração com nosso trabalho, já que até então não se mostrava satisfatório com ele. Os alunos não realizavam as atividades conforme solicitado e, geralmente, apresentavam-se resistentes. Seguimos algumas semanas com o trabalho naquela turma de forma mais atenta e preparamos dinâmicas mais elaboradas, mas que não foram tão eficazes, em primeira linha, para a solução do problema.

4.1 METODOLOGIA

Recorremos então à nossa coordenadora, que nos auxiliou com dicas de atividades que poderiam melhorar a autoestima e a motivação daquela turma. A sugestão foi, primeiramente, que fizéssemos uma roda de conversa para identificar a origem do problema e também que mostrássemos a realidade de alunos que estudam a língua e as possibilidades que podem surgir futuramente ao saber uma língua estrangeira.

Decidimos conversar com os alunos e mostrar os vídeos de pessoas (alunos de faixa etária semelhante à do grupo em questão) realmente satisfeitas por conseguir oportunidades valiosas por conta do conhecimento da língua. A conversa foi iniciada com uma dinâmica, utilizando-se figuras de revistas. As imagens foram expostas no chão da sala, e cada aluno pegou uma figura com a qual se identificou. Através disso iniciamos a conversa em um grande grupo, deixando claro que os alunos tinham total liberdade para falar o que pensavam acerca das aulas de língua alemã. Percebemos que, para alguns alunos, o exercício da fala não foi tão simples como para outros, que falaram de forma mais espontânea. Cada aluno expôs o que sentiu ao ver a imagem que escolheu, e nós, como professoras, fizemos perguntas norteadoras que guiaram os alunos em suas falas. De início, alguns alunos não pareciam tão à vontade

quanto outros, mas aos poucos a conversa fluíu e eles começaram a expor algumas das principais dificuldades encontradas nas aulas de língua alemã.

A conversa com os alunos ocorreu durante os 40 minutos de aula, e, no encontro seguinte, apresentamos-lhes vídeos de adolescentes falantes de alemão como língua estrangeira. Esses jovens falavam sobre o uso da língua estrangeira como objeto satisfatório de estudo ou de trabalho, o que proporcionou aos alunos que se colocassem no lugar daqueles adolescentes brasileiros dos vídeos. Em um primeiro momento, os alunos relatavam não entender muita coisa, mas, após assistirmos aos vídeos, conversamos e fizemos com que eles percebessem que é possível entender e aprender a língua alemã.

4.2 RESULTADOS PARCIAIS

Os alunos perceberam, após a abordagem através das dinâmicas, o quão importante é saber alguma língua adicional em razão do enriquecimento cultural que isso pode proporcionar. Pareciam, então, mais interessados em aprender o que nós vínhamos propondo até o momento. Percebemos que, depois das dinâmicas de motivação e da aproximação com os adolescentes, além de entendermos melhor nossos alunos, eles passaram a nos entender, e o aprendizado da língua e sua importância pareceu fazer sentido. Algumas de suas falas deixaram claro o entendimento a respeito do projeto e que é necessário que eles aproveitem cada aula e cada momento junto às bolsistas que fazem parte desse trabalho na escola. Superando expectativas, os resultados da abordagem com esses alunos mostraram-se positivos já nos encontros subsequentes às dinâmicas. Ao longo das semanas, percebemos que o processo de aprendizado de língua estrangeira do adolescente exige uma atenção especial por se tratar de um período da vida em que o indivíduo passa por um processo de extremas mudanças. Durante a adolescência, os alunos não se apresentam calmos e tampouco esperamos isso deles; o que buscamos é a identificação dos alunos com a importância da disciplina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que, durante a formação docente, muitas vezes sejam abordados aspectos relativos à adolescência, em poucos momentos analisa-se essa fase sob a perspectiva da aprendizagem de línguas estrangeiras. As primeiras experiências com uma situação real em sala de aula, dessa forma, colocaram-nos frente à questão: qual é a abordagem necessária com adolescentes na aprendi-

zagem de língua alemã? Além disso, através da vivência de uma situação prática percebemos que, nessa fase, a motivação dos jovens é fator fundamental para o desenvolvimento de um trabalho bem-sucedido.

Na maioria dos casos, convencionou-se que a adolescência é uma etapa na vida do indivíduo marcada por mudanças e rebeldia e que, tratando-se de uma fase, com o tempo irá passar. Percebemos, no entanto, que não se pode negligenciar tal processo, ignorando-o e aguardando até que o jovem encontre por si só seu caminho – e sua motivação. Por mais que o relacionamento com os adolescentes possa ocorrer de forma um tanto conflituosa, é necessário dar-lhes voz, já que é esse o momento em que descobrem sua identidade, preferências, personalidade, enfim, descobrem-se como indivíduos autônomos.

Acreditamos que um dos fatores que possa ter levado ao desinteresse dos alunos, entre outros, tenha sido a ausência de um vínculo mais próximo com as professoras. A situação, inédita para ambas as partes, ainda gerava diversas expectativas. Aliado a isso, acreditamos que o estereótipo de que alemão é uma língua naturalmente difícil (logo, não haveria por que empenhar-se em vão) também possa ter exercido influência no desinteresse da turma.

Partindo de tal análise, vimos a necessidade de agir ante o problema do desinteresse da turma nas aulas e nas atividades por nós propostas. Para tanto, as reflexões acerca da conceituação da adolescência, bem como em relação à motivação e aos processos de aprendizagem de línguas estrangeiras foram elementos fundamentais em nossa prática de iniciação à docência. Segundo Cavenaghi e Bzuneck (2009, p. 1479), “a motivação dos alunos pode ser modificada através de mudanças nos mesmos, mas também através da mudança no seu ambiente de aprendizagem escolar”. Dessa forma, a estratégia de desenvolver dinâmicas desvinculadas da temática propriamente dita das aulas de língua alemã possi-

bilitou aos alunos um espaço de diálogo. Com isso, os jovens puderam expressar-se e perceberam que sua opinião é significativa. Foi, assim, estabelecida uma conexão mais segura, ou seja, iniciou-se um vínculo entre professoras e alunos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andréa Haddad. **A motivação do adolescente e as percepções do contexto social em sala de aula**. 2006. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2006.
- CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha; BZUNECK, José Aloyseo. A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. p. 1478-1489. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968_1189.pdf>. Acesso em: 07 out. 2014.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional – Revista de Psicanálise**, v. 17, n. 181, p. 13-19, mar. 2005. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/181_02.pdf>. Acesso em: 02 out. 2014.
- FERRARI, Magaly. **A hipótese do período crítico no aprendizado da língua estrangeira analisada à luz do paradigma conexionista**. 2007. 232f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.
- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.
- MACOWSKI, Edcléia Basso. **A construção do ensino-aprendizagem de língua estrangeira com adolescentes**. 1993. 245f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.